

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA SALA DE AULA: UMA PERSPECTIVA DE ENSINO A FAVOR DO ENRIQUECIMENTO LEXICAL

Aline Luiza da Cunha

Universidade Federal de Minas Gerais

alineluizac23@gmail.com

Resumo: As expressões idiomáticas são unidades lexicais versáteis capazes de expressar sutilezas do nosso pensamento através de metáforas, o que uma estrutura simples não faria com tanta perfeição. A presença das expressões idiomáticas é muito recorrente na fala, mas também, é possível encontrá-las em um número bastante expressivo na linguagem escrita. A publicidade escrita, por exemplo, faz uso das expressões idiomáticas principalmente pela função que elas desempenham. Entretanto, se por um lado são recorrentes no cotidiano dos falantes, por outro lado elas não recebem tanta atenção no ensino do léxico. Um dos principais motivos que contribui para a marginalização das expressões idiomáticas em sala de aula deve-se ao fato de essas estruturas pertencerem ao nível coloquial da língua. Além disso, muitos professores negligenciam o trabalho com esse tipo de fraseologia em sala por não o conhecer a fundo. Considerando a interface expressões idiomáticas e língua materna, este trabalho tem por objetivo principal trazer reflexões sobre o uso das expressões idiomáticas encontradas na publicidade de revistas noticiosas (Veja, Istoé, Época) dentro de sala de aula para o enriquecimento lexical do aluno/falante. Além disso, apresentaremos uma amostra de atividades didáticas que privilegiam o trabalho com as expressões idiomáticas contextualizadas em textos publicitários autênticos.

Palavras-chave: expressões idiomáticas; linguagem publicitária; ensino do léxico.

1. Introdução

“Não basta saber gramática para falar, ler e escrever com sucesso”.
Antunes (1996, p. 53)

À exemplo de Antunes (2007), este trabalho rejeita a visão simplista de um ensino de língua portuguesa fundamentado apenas no saber gramatical. Essa visão é rejeitada pelo o fato de acreditarmos que a língua, além de comportar a gramática, também admite um léxico. Nessa perspectiva, Antunes (2007, p.55) salienta que “Ninguém fala, ouve, lê ou escreve sem gramática, é claro, mas a gramática sozinha é absolutamente insuficiente”. Desta forma, ressaltamos que, para falar, ler e escrever de forma adequada, o falante precisa dispor de mais do que conhecimentos gramaticais, ele precisa possuir um bom repertório lexical, além de conhecimentos relacionados às normas sociais do uso da língua.

De fato, o ensino de Língua Portuguesa com enfoque somente na gramática começou a ser reformulado nas décadas de 60 e início da década de 70 do século XX. No entanto, as mudanças se estabeleceram somente no início da década de 80, deste mesmo século, com apoio de pesquisas produzidas no âmbito da variação linguística e da sociolinguística. Sob influência dessas pesquisas, o ensino de Língua Portuguesa deve permitir que os alunos reflitam sobre a linguagem para que estes possam compreendê-la e finalmente utilizá-la de

forma apropriada frente às diferentes situações e propósitos. Desta forma, o ensino consolida-se em práticas “em que tanto o ponto de partida e o ponto de chegada é o uso da linguagem”(PCN, p.31).

Com essa nova visão sobre o ensino, uma série de reformulações curriculares começou a se desenvolver quanto às práticas de ensino. Entre outras mudanças, passou-se a privilegiar, pelo menos em tese, a admissão das variedades linguísticas no contexto escolar, uma vez que estas são próprias dos alunos. Além disso, o trabalho com textos autênticos ganhou espaço como objeto de ensino, visto que textos adaptados para o aprendizado na escola não refletiam a língua real (PCN, 1998). O trabalho que enfatiza as variantes linguísticas e os textos autênticos vai ao encontro do objetivo primordial do ensino e aprendizagem de língua portuguesa no que tange aos padrões de fala e escrita, como podemos observar nos PCN (1998):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua interação enunciativa – dado o contexto e os interlocutores a quem se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN, 1998, p.31)

Considerando os objetivos do ensino de língua portuguesa discriminados acima, percebemos, atualmente, um contexto ainda paradoxal, em que teoria e prática se opõem. Esse fato pode ser confirmado nas palavras de Xatara (1995) que afirma existir uma escassez de estudos que abordam tais estruturas e faz uma série de questionamentos a esse respeito:

Mas por que há ainda um número reduzido de estudos aprofundados sobre elas? Por que muitas EIs não fazem parte dos nossos dicionários? Por que há tão pouco espaço para elas nas gramáticas? Por que, enfim, as EIs são tratadas como um problema marginal na pesquisa lingüística ou no ensino/aprendizagem da língua materna e de uma língua estrangeira? (XATARA, 1995, p. 195)

No que concerne ao ensino de língua materna, o estudo sistemático das expressões idiomáticas tem sido amplamente desconsiderado. Os livros didáticos de ensino fundamental não apresentam quase nenhuma abordagem exploratória sobre essas unidades complexas. Para explicar tal fato, Rey (2004, *apud* NOGUEIRA, 2008, p. 41) afirma que existe um preconceito em relação ao estudo das expressões idiomáticas dentro da sala de aula de língua materna, uma vez que estamos tratando de unidades que não pertencem ao registro formal da língua. Contudo, Fillmore, (1979, *apud* ORTÍZ ALVAREZ, 1997) postula que o estudo das expressões idiomáticas representa uma contribuição para a fluência do falante, pois este deve conhecer, além da gramática e do léxico de uma língua, o repertório de formas cristalizadas e seus significados metafóricos, bem como saber adequá-las a contextos específicos.

Não podemos deixar de mencionar, no entanto, que as expressões idiomáticas vêm recebendo mais atenção por parte dos especialistas, principalmente na área da tradução e da lexicografia. No âmbito da linguística, existem vários trabalhos que valorizam o ensino das EIs voltado para o ensino de línguas estrangeiras, ao passo que, para o ensino de português

como língua materna, a discussão ainda é bem tímida. Este cenário pode ser consequência do preconceito em torno das EIs. Como as expressões idiomáticas são consideradas próprias da fala, existe um preconceito linguístico em torno dessas estruturas. Além disso, Nogueira (2008) acrescenta que essas estruturas, por terem semelhanças com as frases feitas, são consideradas produções sem originalidade e não contribuem para a arte de aprender a escrever bem. De acordo com o autor, esse fato justifica a escassez de expressões idiomáticas nos livros didáticos de português e também a não inclusão das EIs no ensino do léxico.

Considerando o contexto de marginalização em que se encontram as expressões idiomáticas, este trabalho possui como objetivo central refletir sobre o trabalho com essas unidades lexicais que pertencem à variedade coloquial da língua. Neste sentido, entendemos que deve haver na comunidade escolar, sobretudo entre os professores, uma conscientização sobre a heterogeneidade do léxico e sobre a necessidade de mostrar aos alunos que ser competente na língua é, acima de tudo, dispor de um vocabulário que inclua as variantes da língua, como as EIs e saber adequar o repertório lexical disponível de acordo com o contexto e a situação. Porém, entendemos que, para atuar como mediador no processo de ensino-aprendizagem, o professor deve estar seguro sobre o que realmente é uma expressão idiomática. Assim, apresentaremos o conceito de expressão idiomática e suas características.

Além disso, ressaltaremos a publicidade como um gênero no qual podemos encontrar um número expressivo de expressões idiomáticas. Como em nossa visão o ensino do léxico deve ser feito através de atividades que proporcionam uma reflexão sobre a língua cotidiana, apresentaremos um amostra de atividades que contemplará o trabalho com as EIs de forma contextualizada em textos autênticos, como os textos publicitários.

2. Características básicas para o reconhecimento das Expressões idiomáticas

Nesta seção discutiremos a fundo as características que são utilizadas como critérios de identificação das expressões idiomáticas. É importante ressaltar que ao tratar de uma expressão idiomática uma característica por si só não é capaz de defini-la, uma vez que é necessário considerar que estas características são complementares entre si. São características observadas nas EIs:

a) Pluriverbalidade

A pluriverbalidade está relacionada com o tamanho da expressão idiomática, ou seja, com o número de elementos lexicais presentes na expressão. Estudiosos da área (CASARES, 1950; TAGNIN, 1989; CORPAS PASTOR, 1996, XATARA, 1998,) afirmam que uma expressão idiomática deve ser constituída por pelo menos dois elementos. Tristán Perez (1988) citado por Nogueira (2008) postula que uma expressão deve ser composta por duas ou mais palavras, sendo que pelo menos uma delas deve ser uma “palavra plena” e nesse caso a expressão é denominada de “uninuclear”. A expressão será considerada “multinuclear” no caso de ser composta por mais de uma “palavra plena”.

Para a pesquisadora, a expressão considerada “uninuclear” normalmente realiza a função de um advérbio, na medida em que possui a capacidade de modificar ou complementar ao se relacionar com o verbo. Um exemplo seria a expressão “na linha” (Verão com tudo em cima ou tudo caído? Mantenha-se na linha com a CIA Athletica. *Veja*, 12/2004, p.33.), que significa manter-se em forma ou em ordem. Nesse caso, o item lexical *linha* seria a palavra plena e na seria um item auxiliar, então teremos como configuração a seguinte estrutura (preposição + artigo + substantivo). No entanto, nem todas as expressões de função adverbial correspondem a essa classificação “uninuclear”. É o caso da expressão “de olhos fechados” (É

por isso que você reconhece a sua Bohemia até de olhos fechados. *Época*, 05/03/2003, Contracapa) que significa fazer algo com confiança. Nesse caso, a estrutura da expressão configura-se como (preposição + substantivo + adjetivo), ou seja, observamos a presença de duas palavras plenas.

Já as expressões do tipo “multinuclear” normalmente são as nominais e verbais. As nominais realizam a função de substantivo em uma frase e podem assumir as seguintes estruturas: (substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo). A expressão “olho gordo” (Não precisa colocar olho gordo, já tem. *Época*, 24/07/2002, p. 14), que significa inveja, seria um exemplo de expressão “multinuclear”, uma vez que os dois itens lexicais configuram-se como palavras plenas.

Ainda sobre as expressões classificadas como “multinuclear”, encontramos as verbais, que podem assumir formas variadas, haja vista que o verbo, sendo ele o elemento principal, poderá se unir a substantivos, adjetivos, entre outros. As expressões “abrir as portas” e “dar duro”, que significam oferecer oportunidades e realizar uma tarefa com muito empenho, respectivamente, são exemplos de expressão “multinuclear” e se configuram como (verbo + substantivo; verbo + adjetivo).

b) Combinabilidade

A combinabilidade está relacionada com a capacidade e possibilidade de os elementos de uma expressão se combinarem, seja por motivação semântica, sintática, ou aparentemente sem nenhuma motivação. Tagnin (2005) acredita que algumas expressões que são formadas dentro das regras gramaticais da língua possuem uma combinabilidade de motivação sintática. A expressão “*pagar o pato*” (sofrer as consequências de atos praticados por outra pessoa), do ponto de vista sintático, está dentro das regras gramaticais do português de “verbo + artigo + substantivo”. Não podemos dizer, no entanto, que os elementos da expressão idiomática citada se combinaram através de uma motivação semântica, uma vez que não podemos encontrar traços semelhantes entre os significados dos elementos internos. Nogueira (2008), entretanto, não identifica como combinabilidade o fato de as expressões serem construídas a partir de regras gramaticais. Para o autor citado, somente teria sentido falar em combinabilidade de acordo com as normas gramaticais se se tratasse do sentido literal da expressão, o que não é o caso das expressões idiomáticas. Além disso, Nogueira (2008) considera como anomalias as expressões que não estão de acordo com a regras gramaticais, por exemplo a expressão *pies juntillas* (de pés juntos, em português) em que no espanhol o adjetivo é feminino e não concorda com o substantivo masculino.

Existem ainda algumas expressões idiomáticas que se combinam através de uma relação entre os significados dos elementos internos. Na expressão “Quebrar um galho” (ajudar a resolver, ainda que precária e/ou provisoriamente, uma dificuldade), por exemplo, podemos dizer que os significados dos constituintes internos possuem uma relação semântica, ou seja, o argumento do papel temático de galho está relacionado com o verbo quebrar. Para Bally (1951) citado por Nogueira (2008), esse seria um exemplo de uma combinação livre ocasional, em que os termos que integram a expressão podem se combinar entre si, e também estabelecer uma combinação entre outros termos.

A combinabilidade das expressões idiomáticas não é uma característica compartilhada por todos os estudiosos do assunto. Alguns pesquisadores, ao discutirem as peculiaridades das EIs, não mencionam a combinabilidade, mas afirmam que se tratam de estruturas convencionais. Desse modo, esses pesquisadores não buscam explicar as motivações para a combinabilidade dos elementos internos das EIs, uma vez que a sua forma e significado foram consolidados pelo uso. Passaremos agora a discutir a convencionalidade das EIs.

c) Convencionalidade

Uma expressão reconhecida e utilizada, ou seja, que possui um lugar garantido no inventário lexical de uma comunidade linguística, pode ser denominada como uma expressão convencionalizada. Desse modo, cabe ressaltar que a convencionalidade não é uma peculiaridade somente das EIs, haja vista que existem outros tipos de UFs em que podemos observar essa característica. As expressões que utilizamos em situações rotineiras, como agradecer (muito obrigado) ou felicitar alguém pelo aniversário (feliz aniversário) são expressões convencionalizadas, entretanto não são expressões idiomáticas. Nesse sentido, Nogueira (2008) nos diz que as expressões rotineiras são do conhecimento de qualquer pessoa que faça parte de um convívio social e são reconhecidas e utilizadas de acordo com a situação adequada.

Tagnin (1989), além de apontar uma relação entre combinabilidade e convencionalidade, mostra que esta última pode ocorrer em três níveis diferentes: sintaticamente, semanticamente e pragmaticamente.

No âmbito sintático, a autora afirma que se a expressão idiomática obedece à ordem sintática da língua, ela não é sintaticamente convencional, mas pode ser semanticamente. A expressão *bater as botas*, por exemplo, não seria convencional do ponto de vista sintático e gramatical, pois obedece às regras que regem esses dois aspectos. No entanto, essa expressão é convencionalizada pelos critérios semântico e pragmático.

A convencionalidade semântica compreende expressões cujos significados dos elementos internos estão totalmente ou parcialmente distantes dos significados que os mesmos elementos assumem fora da expressão, em discurso livre. A unidade fraseológica “Feliz aniversário” não se configura como uma expressão semanticamente convencionalizada, uma vez que seu sentido é transparente e pode ser depreendido pela soma dos significados de seus constituintes, separadamente. Porém, essa expressão é convencionalizada do ponto de vista pragmático, uma vez que existe uma situação específica para seu uso.

Do ponto de vista pragmático, a convencionalidade das EIs está relacionada ao aspecto situacional. Segundo Tagnin (1989) é preciso considerar a situação que exige certo comportamento social e emprego da expressão, ou seja, as situações sociais em que é permitido o uso de uma determinada expressão.

Para Nogueira (2008) a repetição e a frequência com que as EIs são utilizadas pela comunidade linguística são fatores responsáveis pela convencionalização dessas expressões. Esse dois fatores também são responsáveis pelo caráter fixo que pode ser observado nas EIs e que discutiremos a seguir.

d) Fixidez ou estabilidade relativa

A fixidez é de fato uma característica muito relevante e determinante das EIs, embora não seja por si só suficiente para definir uma unidade fraseológica como uma expressão idiomática. Por fixidez, entendemos a capacidade de uma construção fraseológica se cristalizar pela tradição cultural de uma comunidade linguística em razão de sua frequência. Nas palavras de Xatara (1998), a cristalização ou a fixidez:

É a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, em outras palavras, é a sua consagração pela tradição cultural que cristaliza em um idioma, tornando-o mais estável em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificabilidade. (XATARA, 1998, p. 151).

No caso das EIs, a fixidez ocorre nos níveis sintático, semântico e pragmático. No primeiro nível, o sintático, ocorre a fixação dos componentes, ou seja, os constituintes internos da expressão estão “amarrados” entre si sem a possibilidade de decomposição. Nesse caso, as possibilidades de variações é quase nula, uma vez que essa estrutura tem uma distribuição bastante restrita.

Gross (1982), citado por Xatara (1995), a partir de um estudo sintático das expressões, realizou alguns testes e comprovou que existem restrições e que, portanto, algumas EIs não sofrem variações. De acordo com o pesquisador, os objetos diretos das EIs não podem variar igual ao de uma combinação livre, nem tampouco pode ocorrer a variação do verbo da expressão. Nos anunciados trabalhos por Xatara (1995, p. 203) podemos observar essas restrições:

(1) Laura admira o céu./ Laura admira o firmamento.

(2) Laura bateu as botas. / *Laura bateu os sapatos.

(1.1) Laura admira o céu. / Laura contempla o céu.

(2.1) Laura bateu as botas. / *Laura cortou as botas.

Percebe-se que o enunciado dos exemplos (1) e (1.1), que é uma combinação livre, sofreu variações sem que estas interferissem seriamente no sentido. Por outro lado, nos exemplos (2) e (2.1), que dizem respeito à expressão “bater as botas”, a expressão perdeu seu sentido idiomático em consequência das variações.

No entanto, Xatara (1995) sinaliza que é possível encontrarmos algumas possibilidades de variações, tais como a mudança do tempo e modo verbal, a permuta lexical. Podemos verificar as variações no quadro a seguir:

Tabela 1: Variações das expressões idiomáticas. (XATARA, 1995)

Tipo de variação	Exemplos
Flexão do verbo	Infelizmente, eles bateram as botas
Tempo verbal	Todos acreditam que Laura baterá as botas.
Permuta verbal	Venenoso como uma peste [como uma cascavel], [uma cobra]

Ainda sobre a fixidez das expressões idiomáticas, Nogueira (2008) questiona até que ponto podemos considerar as EIs como unidades fixas, visto que algumas expressões idiomáticas sofrem alterações com o decorrer do tempo, o que, segundo ele, coloca em questão a fixação como uma característica de todas as EIs. Como exemplo, o pesquisador nos mostra que a expressão do espanhol “empinar el codo” (tomar algum tipo de bebida alcoólica em exagero), antes de ter essa forma que é mais praticada, a expressão já teve em sua forma atual, “[alzar] e [levantar] el codo”. É importante salientar, que embora a expressão tenha sofrido algumas modificações em sua estrutura interna, ou seja, a variação do verbo, seu sentido permaneceu estável.

Considerando o exposto, podemos afirmar que a fixidez consiste em uma característica observada nas EIs, porém em níveis diferentes. Teremos, por um lado, aquelas EIs que são altamente fixas e que, por este motivo, dificilmente irão sofrer variações no discurso e, por outro lado, expressões que possuem menor grau de fixidez e que, portanto, podem sofrer variações, sejam elas de ordem sintática ou semântica, sem prejuízos aos seus significados.

e) Idiomaticidade

A idiomaticidade pode ser entendida de duas maneiras diferentes. Em uma perspectiva etimológica, a idiomaticidade refere-se às estruturas idiomáticas que são próprias e peculiares de uma determinada língua. Idiomaticidade também pode ser utilizada como uma característica semântica de certas construções linguísticas complexas, como no caso das EIs cujo significado não é depreendido através da soma dos constituintes internos que compõem a expressão. Segundo Nogueira (2008), entendendo a idiomaticidade nesse último aspecto, como uma característica semântica, é essencial para definir e diferenciar as EIs de outras lexias complexas.

Ao falarmos de idiomaticidade, evocamos outras palavras relacionadas a essa característica, como a composicionalidade e a opacidade. Em relação à composicionalidade, Xatara (1998) explica que a expressão idiomática é um sintagma “não-composicional”, isto é, um sintagma que se originou de uma combinatória de palavras e que não mais pode ser decomposto, visto que a interpretação não pode ser feita levando em consideração a soma dos significados dos elementos internos da expressão. A pesquisadora explica que esse sintagma passa a constituir-se uma unidade lexical após um processo que a autora chama de “mutação semântica”. Nas palavras de Xatara, considerando a idiomaticidade, a expressão idiomática:

“é um sintagma não-composicional, oriundo de uma combinatória de palavras que não formam uma unidade lexical e, por mutação semântica, passam a constituir uma unidade, porque os componentes do sintagma não podem mais ser dissociados significando uma outra coisa, ou seja, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados individuais de seus elementos.” (XATARA, 1998, p. 150).

A opacidade, segundo Nogueira (2008) também está vinculada à idiomaticidade, pois esta se relaciona à falta de transparência dos constituintes da expressão e, em decorrência disso, à incapacidade de compreender uma expressão através dos significados internos. Dizemos então que o significado de uma expressão idiomática não é transparente e que seus elementos internos foram esvaziados de significado para que se atribuisse uma nova significação para a expressão como um todo. De acordo com Xatara(1998, p.150), a esse processo “que constitui transferência de significado de um lugar semântico a um outro, com o significante continuando o mesmo”, dá-se o nome de conotação. O novo significado atribuído ao significante, normalmente é metafórico.

Tagnin (2005) atribui uma escala de idiomaticidade para as expressões idiomáticas. Assim, na parte mais alta da escala, temos expressões que são “totalmente idiomáticas” e que a autora exemplifica com a expressão idiomática do inglês “to beat about the bush”, que em português se equivale à expressão “falar com rodeios”. Segundo a autora, a expressão citada é totalmente idiomática, pois nenhum de seus elementos contribui para o significado total da expressão. Já a expressão “to hold one’s head up” que em português dizemos “andar de cabeça erguida” está na parte mais baixa da escala de idiomaticidade, já que o sentido de pelo menos um de seus elementos é transparente, como é o caso do item lexical *head* que, nessa expressão, não possuiu sentido idiomático. Vale lembrar que como estamos falando de expressões próprias de uma determinada língua, os exemplos mencionados por Tagnin (2005) se aplicam às expressões do inglês, ou seja, as correspondentes em português podem não ocupar o mesmo lugar na escala de idiomaticidade.

f) Metaforicidade

O sentido de uma expressão idiomática resulta de um processo de transposição do sentido literal ao plano da representação, e assim assume um sentido figurado. O sentido figurado “*cumpra um papel fundamental na comunicação quando não queremos ou não podemos dizer as coisas tais como elas são*” (NOGUEIRA, 2008, p. 79). Geralmente, esse recurso linguístico é motivado pela metáfora, que, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) é a:

designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma vontade de ferro, para designar uma vontade forte, como o ferro). 'mudança, transposição', p.ext. em ret 'transposição do sentido próprio ao figurado, metáfora' do v. *metaphéro* 'transportar.

Xatara (1998) afirma que no processo de transposição de sentido ou “metaforização”, cada elemento constituinte de uma expressão idiomática “dessemantiza”, ou seja, perde sua função nominativa e a expressão como um todo é que adquire essa nova função.

Para Tagnin (2005) existe uma grande diferença entre “expressão metafórica” e “expressão idiomática”. A primeira trata-se de expressões cuja compreensão é mais fácil desde que o falante conheça a imagem que está aludida. Dessa forma a expressão “*have the ball at one's feet*” é totalmente compreensível se o indivíduo estiver familiarizado com o futebol e relacionar a imagem de um jogador que tem a bola nos pés com “ter o controle da situação”. Por outro lado, “expressão idiomática” trata-se de uma expressão baseada em uma imagem cristalizada, e, por este motivo, não se pode resgatar a relação entre imagem e o significado, como salienta Tagnin (2005). Na expressão “*to put oneself out*”, por exemplo, cujo equivalente em português é “virar-se do avesso” e ambas as expressões querem dizer “fazer o máximo que puder”, não é possível fazer relação do significado com nenhuma imagem, sendo assim uma expressão idiomática propriamente dita na visão da pesquisadora.

Existe também a “expressão idiomática” que fica em uma posição intermediária entre as “expressões metafóricas” e as “totalmente idiomáticas”. Nesse caso a decodificação dessa expressão se torna mais difícil, uma vez que a relação da imagem aludida pela expressão e o seu significado não é muito clara. Na expressão “*to burn the candle at both ends*” que em português quer dizer “trabalhar demais”, existe uma relação, ainda que obscura, entre a imagem aludida e o significado, no entanto, em um contexto de ensino/aprendizagem, o aluno nunca teria chegado ao seu significado somente através da relação imagem/significado.

Ainda sobre a metáfora, alguns pesquisadores acreditam que, no caso das EIs, a metáfora é neutralizada pelo uso convencional da expressão. Em outras palavras, nessa visão, o significado das EIs é resultante de imagens metafóricas que, com o passar do tempo, à medida que essas expressões foram convencionalizadas, foram se perdendo. Nesse caso a expressão idiomática é considerada uma “metáfora morta”. Sobre esse assunto Malheiros-Poulet (2007) acredita que:

A forte lexicalização da metáfora enriquece a língua, permite outros empregos, mas seu sentido primeiro fica completamente apagado, restando somente o efeito produzido: É bom para burro, Um frio de rachar. Na medida em que o elo associativo desaparece ou fica neutralizado, a conotação metafórica desaparece igualmente e a expressão se torna denotativa. (MALHEIROS-POULET, 2007, p. 46)

Contudo, para Gibbs (1993) a metáfora se faz presente nas expressões idiomáticas e, por este motivo, não podemos considerá-las “metáforas mortas”. Para o pesquisador, as EIs

fazem sentido para um falante somente porque são metaforicamente “vivas” e desta forma, no processo de compreensão de uma expressão, o sentido figurado é ativado por várias metáforas conceituais que existem de forma independente como parte de nosso sistema conceitual (GIBBS, 1993, p. 69).

Na perspectiva da linguística cognitiva, Kövecses (2002) enfatiza que a metáfora conceitual é definida como o entendimento de um domínio conceitual (A) em termos de outro domínio conceitual (B). Quando pensamos sobre a vida em termos de viagem, como quando dizemos A VIDA É UMA VIAGEM, temos que a VIDA pertence ao domínio conceitual (A) e VIAGEM pertence ao domínio conceitual (B). Então, a metáfora conceitual consiste em dois domínios conceituais, um domínio denominado de origem (vida) e um outro domínio denominado de alvo (viagem). Nessa perspectiva conceitual, Gibbs (1993) nos apresenta o exemplo da expressão “bite your head off” que é usada para expressar alto grau de raiva. De acordo com o estudioso, no processo de interpretação dessa expressão, o falante pode fazer a ligação do item lexical BITE (morder) com a metáfora conceitual ANGRY BEHAVIOUR IS ANIMAL BEHAVIOR (comportamento agressivo é comportamento animal), e assim chegar ao entendimento da expressão. Dessa forma, Gibbs (1993) mostra que as expressões não são “metáforas mortas”, uma vez que o sentido figurado das expressões é motivado por várias metáforas conceituais que atuam no processo de compreensão dessas unidades complexas.

Na visão conceitual do tratamento das EIs, as metáforas conceituais são de certa forma convencionalizadas, na medida em que estão presentes no cotidiano de um falante, tornando assim o processo de compreensão das expressões algo inconsciente e automático. Na visão de Gibbs (1993), este fato pode ser um dos motivos que levam alguns estudiosos a pensarem que as EIs são “metáforas mortas”.

3. As expressões idiomáticas no ambiente publicitário

Os textos publicitários são marcados pela grande utilização de EIs. Um dos motivos para essa ampla utilização pode ser explicado pelas características desse gênero textual. Para Sandmann (1993), a linguagem da propaganda utiliza recursos expressivos e se serve da linguagem coloquial para cumprir seu papel, que é de envolver, convencer e persuadir o leitor. Além da função apelativa, o estudioso também cita a função estética nos textos publicitários. Leech (1986) citado por Sandmann (1993) explica que a publicidade tem por objetivo que o leitor ou o possível consumidor memorize o produto ou alguma frase que o faça lembrar do produto. Nas palavras do pesquisador:

É desejável que a audiência ao menos guarde o nome do produto anunciado, e possivelmente também alguma frase-chamariz que o acompanha. Esta é uma razão para o uso de repetições verbais idênticas, juntamente com outras figuras de valor mnemônico, como rima e aliteração. (LEECH, 1986, p. 14 *apud* SANDMANN, 1993, p. 29)

Nesse sentido, Carvalho (2000) sinaliza que, como as EIs são conhecidas dos “leitores”, fica mais fácil a memorização e a associação com o produto anunciado no texto publicitário. É o caso de uma propaganda veiculada na revista IstoÉ para a divulgação da marca de um carro, “Fique de FIT com a vida. Chegou o Honda FIT”. 18/06/2003, em que o publicitário utiliza a expressão *ficar de bem com a vida*, que é muito usual no cotidiano dos falantes e substitui o item lexical “bem” pela marca do carro que está sendo divulgado. Além disso, o fato de as expressões idiomáticas serem estruturas da linguagem popular e, ao mesmo tempo, serem aceitas no nível formal da língua, é uma grande estratégia da publicidade para atingir um número maior de possíveis consumidores.

Outro ponto discutido por Sandmann (1993) relaciona-se à linguagem figurada. Esta é representada, na publicidade, pela utilização de expressões idiomáticas que são “formas de expressão que fogem da linguagem comum, emprestando à mensagem maior vivacidade, vigor e criatividade”(SANDMANN, 1993, p. 85). Muitas vezes essa criatividade é evidenciada no jogo a que o leitor é frequentemente submetido nos textos publicitários, isto é, em determinado texto é possível uma leitura literal e outra figurada.

Em nosso *corpus*¹, como sinalizou Sandmann (1993), percebe-se que o publicitário, muitas vezes, possui a intenção de trabalhar com o sentido literal e sentido figurado das EIs. Podemos verificar essa característica no texto publicitário a seguir:

“A Cemig já recebeu mais de 500.000 crianças em seus projetos de educação ambiental. Através destes projetos, elas se informam, se conscientizam e conhecem o que é preciso fazer para preservar o nosso planeta. Plantando sementes assim, a Cemig tem certeza de que o nosso futuro vai «colher ótimos frutos».” Época, 06/06/2005, p. 67

O sentido literal da expressão *colher frutos*, que na linguagem figurada significa “obter bons resultados”, é acionado através do substantivo “semente”. Percebe-se que o publicitário tem a intenção de relacionar o significado de “semente” com o significado de “fruto”, no entanto vale ressaltar que o item lexical “fruto” dentro da expressão não possui o mesmo significado de vegetal que possui no discurso livre.

4. Expressões idiomáticas e o ensino do léxico

O léxico pode ser definido como um conjunto aberto de unidades lexicais de uma determinada língua que está à disposição do falante para que este possa se expressar. Dizemos que o léxico é um conjunto aberto, pois este está constantemente em expansão, devido ao caráter dinâmico inerente à língua. Além disso, através do léxico, podemos perceber “as marcas das visões de mundo que os falantes alimentam, ou os traços que indicam seus ângulos de percepção das coisas.” (ANTUNES, 2007, p.42).

Diante da grande importância que o léxico desempenha na língua, não parece aceitável que o ensino de língua materna privilegie somente o ensino da gramática em sala de aula e desfavoreça o ensino do léxico. O ensino de língua portuguesa que tenha por função favorecer práticas privilegiadas para o ensino do léxico permite que o aluno/falante tenha condições necessárias para se portar de forma satisfatória nas diversas situações sociais.

Nessa perspectiva, é importante considerar que o ensino do léxico deve não só privilegiar a ampliação do vocabulário do aluno/falante, mas também proporcionar que o aluno seja capaz de definir e reconhecer as formas de utilizar o vocabulário em diversas situações sociais, isto é, o ensino do léxico deve atuar de forma a desenvolver a competência lexical do aluno/falante. Sobre essa temática, Antunes (2007) afirma que “Todo falante, para ser eficaz, precisa saber, em cada situação, que tipo de vocabulário empregar (vocabulário técnico, especializado, fora do usual, comum, literal, metafórico, coloquial).” (ANTUNES, 2007, p. 45). Considerando esse aspecto, apresentar aos alunos diversos tipos de vocabulários,

¹ Esse *corpus* de pesquisa pertence à base de dados do projeto intitulado “Observatório de neologismos na publicidade impressa: aplicação ao desenvolvimento da competência lexical”. O projeto, em andamento na Faculdade de Letras sob a coordenação do Professor Dr. Aderlande Pereira Ferraz, tem como principal objetivo coletar neologismos, entre os quais podemos citar as expressões idiomáticas.

bem como evidenciar em quais contextos estes melhor se adaptam, contribui de forma positiva para formar um falante eficaz, do ponto de vista linguístico. Logo, atividades com as expressões idiomáticas favorecerão a ampliação lexical e, conseqüentemente, permitirão que este falante tenha mais propriedade ao utilizar o vocabulário.

Sobre esse assunto, Nogueira (2008) afirma que é essencial que as EIs sejam inseridas no processo de ensino-aprendizagem do léxico, tanto de língua materna quanto de língua estrangeira. Para o referido autor, essa situação pode conscientizar o aprendiz sobre o “tesouro fraseológico” que existe em seu próprio idioma. Além disso, o falante pode desenvolver o que o referido pesquisador, em conformidade com Conca (2005), denomina de “competência fraseológica”. Segundo Nogueira (2008), a competência fraseológica é a “capacidade de gerir as UFs dentro do discurso” (NOGUEIRA, 2008, p. 104). Podemos dizer que a competência fraseológica está diretamente ligada à competência lexical que, por sua vez, compreende cinco componentes, segundo Trévile e Duquette (1996) citado por Bezerra (1998):

1. Componente linguístico (relativo à palavra e à frase) – constituído pelo conhecimento das formas oral e escrita dos itens lexicais, de sua estrutura, de seus diversos sentidos, de suas relações morfossintáticas e de seus contextos privilegiados;
2. Componente discursivo – constituído pelo conhecimento da combinação das palavras com as séries lexicais que apresentam relações lógico-semânticas entre si (regras de coesão, coerência, co-ocorrência);
3. Componente referencial – conhecimento relativo às experiências pessoais, aos objetos do mundo e suas relações e que permite prever, no discurso, as seqüências lexicais correspondentes a estereótipos de comportamentos sociais;
4. Componente sociocultural – constituído pelo conhecimento do valor das palavras de acordo com os registros linguísticos, de seus significados culturais e de seu emprego de acordo com as situações de comunicação;
5. Componente estratégico – capacidade de manusear as palavras em suas redes associativas com o objetivo de esclarecer, resolver um problema de comunicação e capacidade de superar o desconhecimento de palavras por procedimentos de inferência a partir de pistas contextuais (compreensão) ou de formulações aproximadas, paráfrases e definições (produção). (TRÉVILLE e DUQUETTE, 1996, apud BEZERRA, 1998, p.98):

Como este trabalho tem por objetivo a utilização das EIs no ensino de língua portuguesa em favor do desenvolvimento da competência lexical, faremos uma relação direta entre a competência fraseológica e a competência lexical que chamaremos de competência léxico-fraseológica. Dessa forma, os cinco componentes que devem ser trabalhados para o desenvolvimento efetivo da competência lexical de um aluno serão apropriados de forma a considerar as EIs.

5. A competência léxico-fraseológica

Associando as EIs ao componente linguístico, o aluno deve estar consciente das diversas formas que as EIs podem assumir levando em consideração sua utilização em modalidades e registros diferentes. Nesse caso, o aluno saberá que existem formas que são mais privilegiadas em uma situação do que em outras. Outro ponto relacionado ao componente linguístico é o conhecimento da estrutura de uma unidade fraseológica. No caso das expressões idiomáticas, embora a fixidez seja uma característica forte dessas estruturas, é possível que haja modificações em sua estrutura para que melhor se adapte ao contexto,

principalmente quando levamos em consideração as EIs nos discurso publicitário. As relações morfossintáticas também podem ser trabalhadas nesse componente, e assim é possível mostrar que as EIs, além de funcionarem como unidades simples, podem assumir relações morfossintáticas diferentes. Além de todas essas características que se relacionam com o componente linguístico, é essencial que o contexto em que as EIs devem ser utilizadas seja especificado.

Em relação ao componente discursivo, devemos lembrar que as UFs são elementos que atuam no discurso dando coesão sintática, semântica e pragmática. Sendo assim, é essencial que o aluno conheça o sentido da expressão para que este possa perceber as relações lógico-semânticas presentes no texto.

O componente referencial está ligado ao conhecimento prévio que o aluno tem sobre o gênero e tipo textual aos quais está sendo exposto, pois, nesse caso, ele terá condições de prever e entender o tipo de vocabulário a ser utilizado. Por exemplo, se o aluno sabe previamente as características inerentes à publicidade, ele poderá prever que, em se tratando de um discurso marcado pela expressividade, possivelmente ele encontrará uma linguagem mais figurada. Essa linguagem figurada está representada no uso das EIs.

No que tange ao componente sociocultural, é preciso que o aluno consolide seu conhecimento em relação ao valor das EIs, isto é, ele deve saber que essas estruturas que pertencem à linguagem coloquial devem ser empregadas em situações de comunicação específicas.

Por último, temos o componente estratégico que consiste na capacidade do aluno entender o texto utilizando estratégias como, a inferência. Nesse caso, o aluno, ao utilizar essa estratégia, é capaz de entender palavras que não pertencem ao seu repertório lexical. Em uma relação com a competência léxico-fraseológica, esse componente pode auxiliar o aluno a identificar pistas textuais que o levem a depreender o sentido de uma expressão idiomática neológica, se esta ainda não for de conhecimento do aluno. Como as expressões neológicas não estão dicionarizadas, o aluno terá que utilizar o próprio texto para superar esse desconhecimento.

É importante ressaltar que a competência léxico-fraseológica está intrinsecamente ligada à competência comunicativa. Sendo assim, o desenvolvimento da primeira provoca o desenvolvimento da segunda.

Considerando as reflexões sobre os componentes da competência léxico-fraseológica, proporemos, a seguir, atividades para serem aplicadas em sala de aula com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento da competência léxico-fraseológica.

5.1. Propostas de atividades

Propostas de atividades 1

Objetivo geral: trabalhar o componente linguístico.

Objetivos específicos: Refletir sobre os itens lexicais que indicam níveis de formalidade diferentes; reconhecer as expressões que sofreram variações para a adequação ao contexto; trabalhar as relações morfossintáticas que as expressões desempenham na oração.

1. Considere o texto publicitário a seguir, veiculado na revista *Veja* de 04/05/2008:

“A maneira mais fácil da sua mãe fazer pão: sem **pôr a mão na massa**”.

a) Na expressão em negrito, “pôr a mão na massa”, o verbo “pôr” poderia ser substituído por qual dos verbos a seguir:

1. encaixar
2. colocar
3. estabelecer
4. acomodar

b) O sentido da expressão altera com a substituição do verbo?

Não, o sentido da expressão não altera com a substituição.

c) Em sua opinião, qual a diferença entre os dois verbos nessa expressão?

O verbo “pôr” é menos formal do que o verbo “colocar”.

d) Você conhece outras formas de variação para esta expressão?

Botar a mão na massa

2. Considere o texto publicitário a seguir, veiculado na revista IstoÉ em 18/06/2003, p.83:

“Uma porta pode se abrir para você”

a) Qual expressão idiomática está presente no texto?

Abrir portas.

b) Em sua opinião, por que a estrutura da expressão em questão foi modificada?

Para se adequar ao contexto.

3. Considere os seguintes textos publicitários veiculados na revista IstoÉ em 08/04/2005:

“Conheça Minas. A paisagem **tira o fôlego** e a hospitalidade devolve.”

“A revista Motor Show atropela a concorrência e mostra novidades de **tirar o fôlego**.”.

a) A expressão em negrito “tirar o fôlego” desempenha a mesma função nos dois textos?

Não

b) Qual é a função que a expressão desempenha em cada texto?

No primeiro texto a expressão funciona como um verbo, já no segundo como um adjetivo.

Objetivo geral: trabalhar o componente discursivo

Objetivos específicos: Identificar as relações lógico-semânticas entre as expressões e outros itens lexicais.

1. Leia o texto publicitário a seguir veiculado na revista IstoÉ em 19/05/2004:

“Então, **arregaçaram as mangas** e não só trabalharam como também estudaram novas formas de plantio, tecnologias, sementes e administração.”

a) Identifique no texto qual palavra está relacionada ao sentido da expressão em negrito.

O verbo “trabalhar”

b) Se você não conhecesse a expressão “arregaçar as mangas”, você acredita que a relação entre a expressão com o verbo “trabalhar” o ajudaria a entender o texto? Por quê?

Sim, pois o verbo “trabalhar” tem relação com o próprio sentido da expressão.

Proposta de atividade 3

Objetivo geral: trabalhar o componente referencial

Objetivos específicos: Trabalhar o conhecimento de mundo do aluno em relação às escolhas lexicais do gênero textual em questão.

1. Leia os textos publicitários a seguir, veiculados na revista IstoÉ em 19/12/ 2001 e 29/05/2002, respectivamente:

“No investa você vê direitinho qual o investimento que está batendo um bolão.”

“O pior de ficar boiando é que quando mais você afunda menos as pessoas te dão a mão.”

a) Identifique as expressões idiomáticas presentes no texto.

- Bater um bolão;
- Ficar boiando;
- Dar a mão.

b) Qual o sentido dessas expressões?

1. Dar certo;
2. Estar desinformado sobre um determinado assunto;
3. Ajudar.

c) Em sua opinião, por que os textos publicitários preferem utilizar as expressões idiomáticas? Justifique sua resposta.

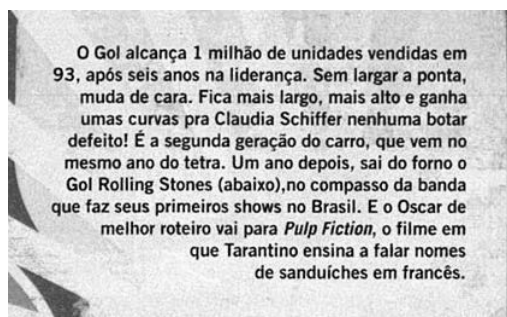
As expressões idiomáticas facilitam a interação entre o texto e o leitor, na medida em que estabelecem certa familiaridade com o leitor. Além disso, elas despertam a atenção do interlocutor quando são modificadas e relacionadas ao produto a ser divulgado.

Proposta de atividade 4

Objetivo geral: trabalhar o componente sociocultural.

Objetivos específicos: consolidar o conhecimento sobre o valor semântico das expressões idiomáticas no que tange às situações privilegiadas.

1) Leia o texto publicitário a seguir, retirado da revista *Veja* em 28/09/2005, p. 57:



a) Identifique as expressões idiomáticas presentes no texto.

Largar a ponta;

Mudar de cara;

Sair do forno.

c) Se você estivesse escrevendo uma carta para o prefeito de sua cidade, comunicando um problema de sua região, você usaria expressões idiomáticas em seu texto? Justifique sua resposta.

Não, pois as expressões idiomáticas não são adequadas para essa situação, já que pertencem à variedade coloquial da língua. Enquanto que em uma carta para o prefeito, devemos utilizar uma linguagem mais formal.

As atividades apresentadas nessa seção vão ao encontro das reflexões de Figueiredo (2010), sobre o ensino do léxico. A referida pesquisadora condena a crença de que a aprendizagem do léxico surge de forma intuitiva e automatizada, bastando a imersão na língua, e por este motivo a aplicação de atividades sistemáticas é necessário. Para Figueiredo (2010), atividades que favorecem a memorização como processo cognitivo através de listas de palavras devem ser recusadas e atividades que favorecem uma reflexão do ponto de vista do funcionamento da língua devem ser privilegiadas. É importante ressaltar que as atividades apresentadas nesta seção são apenas propostas elaboradas de acordo com as habilidades a serem desenvolvidas para o desenvolvimento da competência léxico-fraseológica do falante.

No entanto, as possibilidades de propostas não se esgotam, uma vez que podemos trabalhar com as EIs para desenvolver outras competências.

6. Considerações finais

Com este trabalho, buscamos um diálogo entre as expressões idiomáticas e o ensino de português como língua materna; e desta forma esperamos contribuir de forma significativa, tanto na esfera teórica quanto na prática, para a valorização do trabalho com as expressões idiomáticas.

As EIs são, dentre todas as unidades fraseológicas, aquelas que mais refletem a expressividade da língua, pois congregam metáforas capazes de expressar perfeitamente as sutilezas de nosso pensamento. Podemos afirmar que a expressividade observada nas EIs é o que motiva o discurso publicitário a utilizar amplamente essas construções fraseológicas.

Este trabalho, além de servir de apoio para os professores em sala de aula, busca também dialogar com pesquisadores engajados na produção de livros didáticos, entendendo que estes devem abordar as EIs de forma contextualizada, como vemos nos textos publicitários. Assim, o trabalho com as mensagens publicitárias apresentado aqui, voltado para o ensino das expressões idiomáticas, constitui uma pequena amostra do que é possível fazer em sala de aula de língua portuguesa, considerando especialmente o desenvolvimento da competência lexical.

Em se tratando do ensino do léxico, trabalhar com as EIs proporciona uma reflexão sobre a heterogeneidade lexical, isto é, a variedade linguística. Porém, é preciso realizar um trabalho em que o objetivo seja o desenvolvimento da competência lexical do aluno. Nessa perspectiva, ao propor atividades com as EIs, buscamos exemplificar propostas de atividades para desenvolver os cinco componentes da competência lexical, o linguístico, discursivo, sociocultural, referencial e o estratégico.

Por fim, ao propor um trabalho com as EIs, construções lexicais que ainda são marginalizadas no ensino de português devido ao preconceito linguístico para com as formas da oralidade, esperamos contribuir para uma visão mais ampla sobre a língua e conseqüentemente para a diminuição desse preconceito.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

BEZERRA, Maria Auxiliadora: Leitura e escrita: condições para aquisição de vocabulário. In: *Intercâmbio*. PUCSP; 1999; VIII; 169; 178; Português; 1413-4055. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4034>. Acesso em: 25 set. 2011.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 106 p. (PCNs 5ª a 8ª Séries)

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo. Editora Ática. 3ª Edição, 2000.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía Moderna*. Madrid, 1969.

CORPAS Pastor, G., *Manual de Fraseología Española*. Madrid, Editorial Gredos, 1996.

FIGUEIREDO, Eunice Barbieri. FIGUEIREDO, Olívia Maria. Unidades fraseológicas no ensino de PLE. Perspectiva intercultural. In: *Limite*. nº 4, 2010, p. 155-166

GIBBS, R. W. Why Idioms are not dead metaphors. In: CACCIARI, C. & TABOSSI, P. (Eds), *Idioms: Processing, structure and interpretation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. p 57-78.

HOUAISS, António. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (versão eletrônica)

MALHEIROS-POULET, Maria Eugênia. Locuções com valor intensivo em português: transferências semânticas, graus de lexicalização. In: ISQUEIRO, Aparecida Negri. ALVES, Ieda Maria (ORGs). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. 483 p. 41-52

NOGUEIRA, L. C. R. *A presença de expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros*. 2008. 249f. Dissertação (Mestrado em linguística aplicada) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ORTIZ ÁLVAREZ. M. L. As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. In: *Revista brasileira de linguística*. Vol. 9, nº 1, 1997. Ano 9. Editora Plêiade.

SANDMANN, Antonio José. *A linguagem da propaganda*. São Paulo. Contexto, 1993.

TAGNIN, Stella E. O. *Expressões idiomáticas e Convencionais*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

TAGNIN, Stella. E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal. 2005.

XATARA, Cláudia Maria. Tipologia das Expressões Idiomáticas. In: *Alfa*. São Paulo: v. 42: p. 195-210, 1995.

XATARA, Cláudia Maria. O Resgate das Expressões Idiomáticas. In: *Alfa*. São Paulo: v. 39: p. 169-176, 1998.